



PARABÉNS À EASA!

Cel SANTA ROSA

Antes de dar início propriamente à temática alusiva aos 30 (trinta) anos da Escola de Aperfeiçoamento das Armas (EASA), há de se considerar que este Oficial foi especializado na área de ensino, no ano de 2012, por intermédio do Curso de Coordenação Pedagógica (CCP), o qual foi realizado no Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC). Cabe aqui salientar que tal consideração não é relevante pela minha pessoa, mas por eu ter sido discente da primeira turma daquele Estabelecimento de Ensino direcionada para a implantação da nova sistemática de ensino por competências.

Quando me apresentei na EASA, em 2013, curiosamente a mesma estava prestes a completar 20 (vinte) anos de existência, o que não deixou de ser um marco temporal interessante no tocante ao início dos trabalhos voltados para esse desafio pedagógico, em que pese o cronograma definido pelo Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) determinar que as primeiras mudanças (oficialmente falando) ocorreriam a partir de 2015. Além de tal consideração, pude constatar, nos primeiros dias, de maneira bastante positiva, que a Escola, por si só, já apresentava processos na área de ensino muito bem delineados, o que facilitaria e muito a empreitada a ser desenvolvida.

Nos idos de 2013, como em qualquer um de seus Estabelecimentos de Ensino, exceção feita ao Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB), o Exército Brasileiro (EB) ainda adotava uma sistemática de ensino notadamente tecnicista, profissionalizante e voltada para objetivos bem definidos, a qual se baseava nas ideias preconizadas pelo pedagogo e psicólogo norte-americano Benjamin Bloom por meio de sua Pedagogia do Domínio em que, uma vez valorizando o esforço do aluno, seria possível extrair do mesmo o máximo de seu potencial humano. A fim de cumprir tal meta, a referida pedagogia procurava abarcar os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor, traduzindo-se estes por uma hierarquização taxionômica (com estudos mais aprofundados a respeito das searas cognitiva e afetiva) que ia de atividades mais simples para as mais complexas e, dessa maneira, caracterizado por um *continuum* que desembocasse numa curva ascendente de efetiva aprendizagem.

Não obstante a inquestionável excelência do ensino nas Forças Armadas, o Comando do Exército, sem descuidar de seus valores, seus princípios, sua história e sua missão constitucional, sempre se manteve atento às mudanças educacionais em curso, fossem estas de âmbito nacional ou internacional. Diante do

exposto, grupos de estudos formados por especialistas foram mobilizados com o intuito de promover modificações significativas dos paradigmas de ensino até então em curso e, diante disso, foram tomadas por base as resoluções estabelecidas pela Conferência Mundial sobre Educação para Todos ocorrida na cidade de Jomtien, na Tailândia, no ano de 1990, a qual procurou ratificar a garantia a todas as pessoas de conhecimentos básicos necessários voltados para uma vida digna e em consonância com uma sociedade mais justa.

Nesse diapasão, o EB vislumbrou que os pressupostos delineados pela aludida Conferência estavam perfeitamente alinhados ao que foi denominado, num primeiro momento, de Ensino Orientado pelas Competências. Diferente das concepções bloomianas, a Pedagogia das Competências se alicerça, em linhas gerais, nas chamadas metodologias ativas (John Dewey, Anísio Teixeira, Antoni Zabala e Philippe Perrenoud foram tomados como referências para fins de estudo), situação em que não mais cabe simplesmente atingir objetivos nem se guiar pela cultura escolar magistrocêntrica e por métodos propedêuticos, mas sim desenvolver, no discente, a capacidade quanto à internalização de saberes contextualizados e consubstanciados pelos famosos Quatro Pilares da Educação, a saber: aprender a conhecer; aprender a conviver ou viver juntos; aprender a fazer; e aprender a ser. Como uma espécie de paralelismo dessa “tipologia do aprender”, o EB priorizou, dentre outros estudiosos, as obras atribuídas ao educador catalão Antoni Zabala, na medida em que procurou dar ênfase a sua “tipologia de conteúdos”, ou seja, os factuais, conceituais e procedimentais (ligados ao “aprender a conhecer” e ao “aprender a fazer”) e os atitudinais (ligados ao “aprender a conviver” e ao “aprender a ser”).

Ao voltarmos nossos olhares agora para a EASA, a qual é diretamente subordinada à Diretoria de Ensino Técnico Militar (DETMil), a implantação do ensino por competências vem ocorrendo (afinal de contas, em educação afirmar que algo está finalizado na sua totalidade é temerário) por meio de várias missões cumpridas de maneira exitosa. Assim sendo, pode-se afirmar que os seguintes passos foram dados a fim de atender as demandas do Escalão Superior e, por conseguinte, propiciar ações inovadoras no ensino:

- início da reformulação de documentos de ensino já consagrados (Perfil Profissiográfico, PLADIS e Plano de Sequência Didática, em substituição ao Plano de Aula) e criação de outros documentos de ensino (Mapa Funcional, o qual delinea o Perfil Profissiográfico, além do PLANID e



QGAEs);

- abolição das questões objetivas e consequente reformulação das questões discursivas por meio de situações mais contextualizadas;

- incentivo à elaboração de artigos, os quais passaram a constar na Revista “O Adjunto”, além de trabalhos por parte dos alunos, sendo que esta última atividade de cunho escolar passou a ser mensurada;

- mensuração dos conceitos vertical e horizontal ao término do curso;

- melhoria contínua quanto à elaboração dos artigos da Revista “O Adjunto” por parte do Corpo Permanente da EASA;

- maior utilização da Tecnologia da Informação e do Conhecimento (TIC), a qual se revelou uma facilitadora quanto ao alargamento dos horizontes cognitivos por parte do discente;

- o instrutor passou a funcionar mais como um mediador (facilitador) do conhecimento a ser internalizado pelo instruendo;

- procurou-se mostrar ao aluno que, uma vez aperfeiçoado, o Sargento não poderia mais se portar como mero executante, mas sim como um assessor de excelência que verdadeiramente “pensa” com seu chefe imediato, conforme as circunstâncias (contextos); e

- início, em 2016, do Curso de Adjunto de Comando, estando este devidamente alinhado à sistemática do ensino por competências.

As inovações acima elencadas, somadas à sólida estrutura de ensino que já existia na EASA, demonstram inequivocamente que a “Casa do Adjunto” tem evoluído significativamente e, com isso, os Segundos-Sargentos aperfeiçoados e os Subtenentes/Primeiros-Sargentos designados para a nobre função de Adjunto de Comando deverão estar cada vez mais capacitados, a medida que precisarão defrontar-se com cenários marcados pela incerteza de um mundo onde mudanças ocorrem em velocidade instantânea e alucinante e que, sem dúvida alguma, só admitirá aqueles que estejam com seus olhos voltados para o combate do futuro.

Gostaria de finalizar estas brevíssimas palavras com uma reflexão que considero assaz pertinente, mormente porque o EB optou por uma mudança paradigmática de peso quando escolheu trilhar a sistemática do ensino por competências. Costumo dizer que *ex nihilo nihil fit*, ou seja, nada vem do nada e, nesse sentido, não seria interessante verificar o quanto o ensino de excelência do EB deve à sistemática por objetivos? Seria eu um militar nostálgico que não admite o novo? Bem, a primeira resposta tem que ser “sim”, enquanto a segunda certamente é um “não”.

Para que o prezado leitor não se sinta confuso com minhas perguntas e respostas, deixo aqui, à guisa de uma inconclusão, um excerto do livro intitulado *A Política da Prudência*, de autoria de Russell Kirk, filósofo político e historiador norte-americano, obra na qual destaco parte do seu décimo princípio conservador:

“ Décimo, o pensador conservador compreende que a estabilidade e a mudança devem ser reconhecidas e reconciliadas em uma sociedade robusta.

O conservador não se opõe ao aprimoramento da sociedade, embora ele tenha suas dúvidas sobre a existência de qualquer força parecida com um místico Progresso, com P maiúsculo, em ação no mundo. Quando uma sociedade progride em alguns aspectos, geralmente ela está decaindo em outros. [...]

O conservador raciocina que a mudança é essencial para um corpo social da mesma forma que o é para o corpo humano. Um corpo que deixou de se renovar, começou a morrer. Mas se este corpo deve ser vigoroso, a mudança deve acontecer de uma forma harmoniosa, adequando-se à forma e à natureza do corpo; do contrário a mudança produz um crescimento monstruoso, um câncer que devora o seu hospedeiro. O conservador cuida para que numa sociedade nada nunca seja completamente velho e que nada nunca seja completamente novo. ”